

O HOMEM E A ANGÚSTIA EXISTENCIAL EM JEAN-PAUL SARTRE

PEREIRA, Everli Fernanda

ferggraia@hotmail.com

MELLO, Tamyris Villela

tamyrismello@hotmail.com

Discentes do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde

FASU/ACEG – Garça/SP-BRASIL

BERVIQUE, Janete de Aguirre – Orientadora

janetegestalt@uol.com.br

Docente do Curso de Psicologia

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a filosofia de Sartre, referente ao homem situado no seu contexto existencial, sendo um ser que possui liberdade de escolha. Mas em contrapartida essa mesma liberdade gera no homem sua angústia existencial, pois o homem tem medo de ser livre.

Palavras-chave: homem, existência, liberdade, angústia.

ABSTRACT

This article presents a study on the philosophy of Sartre, referring to the man located in their existential context, being a being that has freedom of choice. But in return generates the same freedom in their angst man, because man is afraid of being free.

Keywords: man, existence, freedom, anguish.

1 - INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre foi o primeiro filósofo a se identificar como existencialista, numa época conturbada, pós guerra, e contou com o apoio de sua companheira Simone de Beauvoir, que o incentivou a escrever seu primeiro romance chamado A Náusea (1958).

A Náusea é um romance, e desta forma muitos dos escritos de Sartre foram neste estilo literário, entretanto abrangeram também escritos para teatro e escritos de natureza filosófica. As obras de Sartre foram importantes influências para a sociedade da época, ainda abalada pela Segunda Guerra Mundial (SILVA, 2010).

Numa vaga tentativa de definição, visto a dificuldade em alcançar todos os aspectos deste conceito em Sartre, a liberdade pode ser caracterizada como a escolha que o homem faz de seu próprio ser e do mundo. Mas, por se tratar de uma escolha, ao passo em que é feita, geralmente, indica outras muitas escolhas quanto possíveis. O absurdo que se mostra da existência não revela as outras escolhas que poderiam ser feitas (SILVA, 2010).

Segundo a teoria existencialista de Sartre, somos obrigados a ser livres, não há determinismo, e qualquer tentativa de determinismo é considerada de má-fé. Assim sendo, nada pode determinar as decisões que tomamos, e tudo o que acontece em nossa vida é proveniente do passado e das escolhas que fizemos nele.

Para Sartre o homem vive de escolhas e através dessas escolhas, dependendo de qual escolha fizer, é que o homem vai manifestar a sua presença no mundo. O homem primeiramente existe e, durante o processo de sua existência; ele se torna e vai construindo a essência; ou seja, a existência precede a essência, a essência é um construtor humano (SARTRE, 1997).

O pensamento sartreniano é de que o homem é um ser-no-mundo, considerado não de forma estática, mas em pleno movimento em constante ascensão; primeiramente é apenas Nada e constitui sua formação diante desse nada que é; porque, a priori, ele é um ser indeterminado e, por isso, vive insaciavelmente à procura do sentido de sua vida, valorizando cada experiência na edificação do mesmo (SARTRE, 1997).

O Nada coloca o ser e a consciência em questão. E a realidade humana é contornada pela forma como o Nada aparece no mundo: a própria falta. O Nada é o farol que está à frente, acenando a todos. Por ser vazio, ausência, indefinição, ele suscita no homem um misto de terror e desespero pelo mistério que encerra e pela possibilidade de ter que enfrentá-lo. Com isso, há um desejo de ser um nada, e esse desejo encontra-se inserido no ser da realidade humana, devido à sua incompletude e indeterminação (SARTRE, 1997).

A procura pelo sentido das coisas e da vida se efetiva no homem, porque ele é um ser-Para-si, ser que questiona, que indaga, que se impressiona com a realidade e com a própria subjetividade. O ser-Para-si é um ser insatisfeito porque quer ultrapassar suas próprias fronteiras. Ele é algo que constrói a si mesmo. Atividade, indeterminação e incompletude definem a própria liberdade humana. Desta forma, há o desejo de ser é alimentado por aquilo que é um Nada. A realidade humana é,

antes de tudo, seu próprio nada; é por isso que o homem precisa do outro como o nada que cria condições para tornar-se livre, portanto, é carência, ausência e vazio (SARTRE, 1997).

Cada ser humano tem sua própria liberdade de escolha, ainda que possua a consciência de que não lhe é permitido fazer apenas o que deseja; sabe que pode escolher, até mesmo não escolher, que é também, uma escolha.

OBJETIVO

Identificar os fatores que causam angústia no homem frente à sua existência.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por duas universitárias, alunas do 7º termo do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências de Saúde de Garça. Foram colhidos dados bibliográficos de diversos autores relacionados ao tema o homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre, através de livros e de sites de pesquisa como Scielo, Google acadêmico e a revista Psiqweb, tendo como palavras-chave: homem, existência, liberdade e angústia.

2. O HOMEM FRENTE À ANGÚSTIA.

O indivíduo possui liberdade de escolha para fazer opções em sua vida e, em contrapartida, esta consciência de liberdade suscita no sujeito o aterrorizante sentimento de angústia (SARTRE, 1997).

Segundo Sartre (1997), nos momentos de crise existencial o homem para, percebe que existe algo errado e passa a questionar suas limitações, conseqüentemente, ele é tomado pela consciência do Nada. O sentimento de angústia reporta à realidade de um ser inacabado, autor de sua vida, embora seja incapaz de construí-la com perfeição. O nada é o oposto da plenitude do ser, farol que indica a distância entre onde nos encontramos e onde gostaríamos de estar. Dessa forma, a consciência aponta e define o homem como Nada em relação aos seus projetos e seu futuro; reclama insatisfação com o presente que vive e aspira o futuro que não tem, definindo-se e situando-se simplesmente como Nada que é e

como Ser que gostaria de ser, mas ainda não é. Isto significa que o indivíduo é o único responsável por decidir sua vida e organizar seu entorno pela escolha de seus próprios métodos para alcançar seus objetivos.

Sartre (1997) afirma que o homem nasce, vive e se desenvolve sozinho, sem nenhuma natureza anterior; pois, para ele Deus não existe e não há qualquer plano divino que determine o que deva acontecer, pois o homem é livre e nada o obriga a nada. É através da liberdade que o homem escolhe o que há de ser, escolhe sua essência e busca realizá-la. É a escolha que faz entre as alternativas com que se defronta que constitui sua essência, e que lhe permite criar seus valores. Não há como fugir a essa escolha, pois mesmo a recusa em escolher já é uma escolha. Ao escolher, o homem escolhe sua essência e a realiza.

Este filósofo enfatiza que com a liberdade de escolha surge no indivíduo a inquietação existencial; ou seja, surge sempre no sentido de que o indivíduo sofre na pele a responsabilidade de ter que decidir sempre que a vida e suas situações o coloquem em uma encruzilhada de inúmeros caminhos a escolher. Então, sua postura nesta situação pode tomar as mais variadas formas: ele pode acomodar-se a uma determinada situação, aceitá-la ou mesmo combatê-la. Mas, sobretudo, de afirmar-se nesta tarefa e assumir a responsabilidade por suas opções, sejam essas quais forem, mesmo que esta atitude lhe gere muitas vezes inquietação, agonia e angústia (SARTRE, 1997).

A estrada a ser trilhada coloca o indivíduo face-a-face com seus desejos, com sua realidade nua. A angústia se dá através do reconhecimento de que os valores são individuais e únicos, e que pertencem a cada um e nada ou ninguém; seja Deus, a igreja, ou o partido político, pode de forma formar a si mesmo sem nenhuma causalidade, e por esse determinismo gera no indivíduo a náusea ou um grande vazio frente a sua própria existência, pois a angústia e náusea são sofridas pelo homem a despeito de si, pois o homem prefere o mundo em que vive, e por isso estas experiências se tornam insuportáveis. No mais, o homem não pode controlá-las ou pode-o somente em parte rever (KIERKEGAARD, 1968).

Observamos, no pensamento de Sartre, a preocupação existencial de que o indivíduo deve fazer uma opção, quando se encontrar com um leque de possibilidades em sua vida. Esta consciência do poder de escolha gera nele angústia; trata-se de uma angústia simples, gerada pela responsabilidade de

opções, pois o homem é livre e responde por suas escolhas, não podendo culpar a outrem por suas glórias ou fracassos. Ampliando esta questão, ele afirma:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas a presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. [...], para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser ate o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 1997, p.545).

No entender de Sartre, o indivíduo está “condenado à liberdade”; e que não há limite para a liberdade individual, exceto o fato de que não somos livres para deixarmos de ser livres. O ser humano é livre, só e sem escusas. Por esta razão, cada indivíduo tem o dever de fazer de si o que quiser. O indivíduo tem a liberdade de mudar sua vida, seus desejos e buscar um novo significado para sua existência; sendo assim, ele encontra-se abandonado à sua própria sorte, não tendo em que se apegar (ALMEIDA, 1998).

Para Sartre, o peso da consciência da liberdade e a responsabilidade advinda desta geram no indivíduo uma sensação ambígua, de poder e medo. O indivíduo, ao se deparar à beira de um penhasco perigoso, por exemplo, sente o medo de cair invadi-lo, sente a angústia ao pensar que nada, absolutamente nada, o impede de jogar-se lá embaixo, de se lançar no abismo. O pensamento mais angustioso é quando, num dado momento, ele tem a consciência que só cabe a ele decidir pular ou não pular. O peso da responsabilidade de decidir a cada momento torna a vida, por muitas vezes, insuportável (KIERKEGAARD, 1968).

Sartre (1997) usa o termo angústia para descrever o reconhecimento da total liberdade de escolha que confronta o indivíduo e o desafia a cada momento de sua existência. O indivíduo tem receio que, através de sua liberdade de escolha, venha a tomar uma decisão “equivocada”, que afete irremediavelmente o curso de sua existência. Sartre, também, afirma que a angústia é o resultado da sensação do alcance de nossas escolhas, o indivíduo ao reconhecer a verdade de suas escolhas é invadido pelo doloroso sentimento de angústia. Para este filósofo, o próprio homem é o fundamento para as suas escolhas, mas a responsabilidade e a consciência de liberdade é um fardo pesado demais para qualquer indivíduo; ou

seja, o indivíduo não pode culpar ou responsabilizar ninguém por suas escolhas e, com isso, a sua própria escolha volta para si mesmo, causando angústia.

A angústia surge na medida em que o indivíduo não é suficientemente preparado para o futuro que ele tem de ser, restando para ele apenas todos os sentimentos de conflitos em sua existência. Sartre argumenta que ele é um indivíduo desencantado com o mundo e com a humanidade. Segundo ele, ter, fazer e ser são categorias fundamentais da realidade humana, sendo a liberdade, o valor essencial desta condição. O fundamento filosófico de Sartre é, sobretudo a liberdade individual (ALMEIDA, 1998).

Este autor pontua que, para Sartre a liberdade, ao mesmo tempo em que é almejada, suscita incertezas no indivíduo, em situações concretas de escolhas, em que a busca de um sentido maior possa suprir os limites estabelecidos e preencher o “vazio” que o invade. Quando o indivíduo conscientiza-se de sua liberdade, surge o medo e, então, insurge-se a angústia. O homem vive constantemente a incerteza de suas opções e suas possíveis e temidas consequências.

Sartre (1997) afirma que a angústia é apenas angústia e sua relação com a liberdade, mera constatação da fragilidade humana. Deste modo, cada indivíduo carece de proporcionar atenção às próprias necessidades, aprender a se conhecer, a se descobrir enquanto indivíduo. O indivíduo, teoricamente, tem o controle de si próprio e do que envolve sua vida, seus sentimentos, seus pensamentos e suas atitudes, nada além disso. Neste sentido, ele afirma:

Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água; mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer, desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades ... (SARTRE, 1997, p.680).

Sartre é considerado como um intelectual duro, desencantado com o mundo e cujo pensamento parece haver asfixiado todo o sentimento onde só há lugar para a determinação da razão. Afirma que todo o indivíduo é movido por um projeto fundamental, o projeto de autorrealização. Ele enfatiza que todo ser humano tem o

sonho de ser um indivíduo que pode realizar toda a sua potencialidade, todos os seus projetos (ALMEIDA,1998).

Sartre considera que só através da liberdade de escolha, é possível ao indivíduo realizar seus desejos para, dentre todas as alternativas viáveis, realizar a mais importante para si; ou seja, aquela decisão que irá levá-lo através de um caminho mais curto ao seu propósito fundamental de vida. Esta é, para ele, a verdadeira liberdade da qual nenhum indivíduo pode escapar; não apenas a liberdade de realização, mas, sobretudo, a liberdade de eleição, pois cada escolha carrega consigo uma responsabilidade; portanto, ser livre é, também, ser responsável. A liberdade só funciona para o indivíduo quando ele age responsabilmente. “Uma das máximas deste filósofo consiste em afirmar que o importante não é o que o mundo faz com cada ser humano, mas sim, o que cada ser humano faz com aquilo que o mundo fez dele” (SARTRE, 1997). Ele acrescentou que o indivíduo que realiza todos os seus projetos torna-se um Em-si, e que projeto fundamental do ser humano é tornar-se Em-si; ou seja, um ser que realiza todas as suas potencialidades, toda a sua capacidade de viver plenamente.

A partir de seus estudos, Sartre afirma que a existência humana é contingência, ou seja, liberdade e indeterminação. Isto significa que a existência se traduz por uma angústia imediata, isto é, um sentimento inerente de absurdo perante a existência. Para ele, existir é ter consciência, pois, sem consciência, não existe existência propriamente dita. A consciência é um ser cuja existência estabelece a essência e o ser está em toda parte. É a partir da tomada de consciência e do peso da responsabilidade por si e por suas opções que o sujeito pode, apesar da angústia, tomar as rédeas de seu destino (SARTRE, 1997).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando essas reflexões com a convicção de que, o ser humano busque reconciliar-se com as partes negligenciadas de sua consciência, para que então possa renascer sob uma nova perspectiva, apoiada e centrada em seus desígnios mais profundos. Sartre assegura que o desatino do indivíduo é a constatação de que nada existe fora de si que defina a sua existência. Assim, o indivíduo descobre que o mundo é apenas humano, por sua angustiante, gratuita e absoluta liberdade de decisão e ação. Apenas a sua liberdade. Nada, além disto. Sartre afirma, categoricamente, que: Você é livre, portanto, escolha.

Consideramos que o nosso objetivo foi alcançado, pois através da nossa pesquisa, pudemos compreender melhor o ser humano frente a sua angústia existencial, identificando os fatores que estão por trás e em torno da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando José. **Sartre: é proibido proibir**. São Paulo: FDT, 1998.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O conceito angústia**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 5^o ed, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução Thiago Adão Lara. Paris: Gallimard. 1958.

SILVA, A. S. **O conceito de liberdade segundo a teoria existencialista de Sartre**. Monografia. Brasília: Universidade Católica de Brasília/UCBV, 2010. 42 p.